

capoa

EM APENAS NOVE ANOS, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ONCOLOGIA DO INCA ATINGE GRAU DE EXCELÊNCIA

Com louvor

Investir em conhecimento e pesquisa é fundamental para transformar a realidade de pacientes com câncer. Ao longo dos últimos nove anos, dentro das salas de aula e dos laboratórios do INCA, professores e alunos do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Oncologia estudam diariamente novos tratamentos, procedimentos cirúrgicos, efeitos de novas drogas e tudo que possa melhorar a assistência aos pacientes. Além de resultados práticos que mudam o dia a dia das pessoas, o esforço fez o Programa subir do conceito 5 para 6, em um máximo de 7, na última avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Com o resultado, passa a ser o único programa de pós-graduação em Oncologia do Brasil a apresentar grau de excelência, o que o equipara aos programas dos melhores centros internacionais de pesquisa.

A conquista é fruto de muito planejamento, trabalho e do desejo de manter o padrão de qualidade do INCA. “Como tudo na vida, uma coisa é atingir a excelência, outra é mantê-la. E esse é o desafio. Quando a gente fala em INCA, estamos falando de uma instituição pública de saúde cujo trabalho é considerado muito bom por 98% da população do Estado do Rio. Essa é a opinião de nossos pacientes e da população em geral. São 77 anos de existência, uma força de trabalho extremamente motivada e que acredita na causa”, diz Luis Felipe Ribeiro Pinto, coordenador de Ensino do INCA.

Além de todo apoio institucional, o Programa do INCA alcançou nota 6 porque, já em 2007, dois anos após seu surgimento, passou a perseguir o grau de excelência. Na época, o objetivo era, em dois triênios, atingir esse patamar. Para isso, foi necessário fazer alterações na proposta do Programa. Inicialmente,

eram oferecidas cerca de 60 disciplinas, reduzidas para as atuais 15 avançadas e sete básicas. Também houve redução do corpo docente. Só permaneceram os professores que atendiam às exigências da Capes para que a instituição subisse de grau.

O coordenador lembra que no Programa ninguém é docente, mas sim está docente. Ou seja, para fazer parte da equipe de professores, é necessário manter-se dentro dos indicadores científicos exigidos pela Capes. Eliana Abdelhay, chefe da Divisão de Laboratórios do Centro de Transplante de Medula Óssea (Cemo) do INCA e professora do Programa, concorda: “A pós-graduação do INCA está no caminho certo, e o Luis Felipe e todos os membros da comissão têm razão em exigir produtividade dos docentes. Esta é uma regra da academia e da sociedade também”. Atualmente, são 37 docentes, entre permanentes e colaboradores, para um total de 120 discentes (45 mestrandos e 75 doutorandos).

Nos últimos anos, a produção científica do corpo docente do Programa registrou aumento significativo em quantidade e qualidade, contabilizada pelo número de artigos publicados em periódicos

internacionais de elevado fator de impacto (FI). Foi registrada média de quatro artigos por ano, por docente, em periódicos com FI médio de 3,8. O FI é atribuído pelo Journal Citation Reports (JCR), órgão internacional de indexação de periódicos que se baseia, entre outros critérios, no número de vezes que os artigos da revista são citados em outra publicação. Vale ressaltar que a produção científica é o critério principal de avaliação da Capes. E essa expressiva contribuição dos docentes do Programa rendeu muitos pontos no relatório final.

O processo de avaliação da Capes é feito anualmente por meio dos relatórios enviados pelas instituições, que informam detalhes referentes ao desempenho do Programa. O resultado da avaliação é apresentado ao final de cada triênio, quando é atribuído um conceito final. Os conceitos vão de 3 a 7 e levam em consideração, além da produção científica, a proposta do Programa, seu corpo docente, corpo discente, teses e dissertações defendidas, além do grau de inserção social.

ALÉM DA SALA DE AULA

Até 2010, existiam somente três programas de pós-graduação em Oncologia no Brasil: Universidade de São Paulo (USP), Fundação Antônio Prudente (FAP) – mantenedora do Hospital do Câncer A.C.Camargo – e o INCA. Em 2011, dois novos mestrados foram criados: no Hospital do Câncer de Barretos e na Universidade Federal do Pará (UFPA), este último com apoio do INCA, que formou oito de seus doutores. O Programa também está formando dez doutores que vão trabalhar no Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (Imip), entidade filantrópica em Pernambuco. Essas duas iniciativas de doutorado interinstitucional (Dinter), além de estarem alinhadas à missão institucional do INCA, renderam pontos importantes no quesito inserção social.

Também nesse quesito, vale destacar o projeto INCA de Portas Abertas na Escola, iniciado em 2011, que leva informações sobre prevenção do câncer para alunos do ensino médio de escolas estaduais do Rio de Janeiro. A iniciativa contemplou o Colégio Estadual Jornalista Tim

Lopes, no Complexo do Alemão, na capital fluminense, que conta com 14 favelas e uma população de cerca de 70 mil pessoas, sendo 3,8 mil adolescentes com idades entre 15 e 17 anos (dados do IBGE em 2010).

“A aceitação tem sido tão grande que todas as escolas do Alemão têm nos procurado para ampliar o projeto”, conta, com entusiasmo, Luis Felipe, enquanto explica a dinâmica da ação. O evento dura um dia inteiro. Na parte da manhã, são feitas palestras com linguagem apropriada para os jovens. À tarde, após um lanche saudável, os alunos participam de oficinas e atividades, como confecção de cartazes, alertando para os riscos da exposição ao sol; customização de camisetas, que protestam contra a indústria do tabaco; participação em jogo de perguntas e respostas sobre o HPV; e simulação de uma ida às compras. Um armazém é montado numa das salas da escola. Nos caixas, em vez de pagarem pelos produtos, os alunos recebem dos discentes do Programa informações sobre os efeitos nocivos de muitos dos alimentos encontrados nas prateleiras dos supermercados. O projeto foi aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

Outro importante resultado do PPG é o Curso de Verão em Oncologia Experimental. Oferecido a estudantes de graduação de todo o Brasil, tem como monitores alunos do mestrado e do doutorado. Assistindo a aulas teóricas pela manhã e práticas à tarde, ao longo das duas semanas, os participantes desenvolvem projetos que ao final são avaliados por uma banca. Após apresentar seus resultados, o grupo com maior pontuação, incluído o monitor, recebe



Curso de Verão em Oncologia Experimental é muito concorrido: recebe inscrições de todo o Brasil

como prêmio a participação em um congresso internacional. Em sua última edição, mais de 400 inscritos disputaram o total de 40 vagas.

Entre 15% e 20% dos alunos do Curso de Verão matriculam-se no Programa de Pós-Graduação. Ex-aluno do curso, Bruno Pires, graduado em Biologia pela Universidade Católica de Brasília (UCB), acaba de defender sua tese de mestrado: “Fiquei sabendo do Curso de Verão por meio de um aviso no mural da universidade e me inscrevi na mesma hora”, lembra. “Aprendi muito com os pesquisadores do Programa, que sempre estiveram abertos a esclarecimentos e debates. Nas disciplinas e nos debates científicos, conheci colegas que se tornaram grandes amigos. Além da formação científica, tive a oportunidade de aprender muito sobre inovação, motivação e ética”, acrescenta.

Ajudar as pessoas foi o que levou a biomédica Karina Lani, ex-aluna de doutorado do Programa, a dedicar sua carreira de pesquisadora à área oncológica. “Um dia, ao passar em frente ao Hospital do Câncer I, senti que iria trabalhar ali e que poderia ajudar as pessoas estudando a doença. Comecei a frequentar a biblioteca do INCA e me apaixonei”, conta. Em 2011, já cursando o pós-doutorado, Karina passou no concurso público para o INCA, onde hoje é responsável pela Área de Citometria de Fluxo, que atende ao Centro de Pesquisa do Instituto. “A pós-graduação me deu o embasamento teórico e prático para esse desafio”, afirma.

Outro profissional do INCA que fez toda sua formação no Instituto – residência, mestrado e doutorado – e vem colhendo frutos de sua pesquisa de pós-graduação é o cirurgião da Seção de Cabeça e Pescoço Terence Farias. Após receber vários prêmios no Brasil, ele foi convidado a dar uma aula sobre *Uso da prototipagem no planejamento pré-operatório para pacientes com tumores de cabeça e pescoço* no 1º Congresso Mundial de Impressão em 3D, em junho, na China. A tese de Farias foi tema da seção *Ciência* da edição 23 da REDE CÂNCER.

TEORIA E PRÁTICA

No Centro da cidade do Rio de Janeiro, em um prédio aparentemente simples, está o Centro de Pesquisas do INCA. Nele, os laboratórios se destacam pela presença dos mais modernos equipamentos e condições para pesquisa na área da oncologia. Lá, são desenvolvidos projetos em campos como epidemiologia, ensaios clínicos e cirurgia experimental. Para citar apenas um exemplo, o sequenciador de DNA mais avançado do mundo faz parte do dia a dia dos pesquisadores. Os alunos podem praticar seus experimentos em laboratórios de níveis de biossegurança 1



“Pessoas muito próximas a mim tiveram câncer. Meu pai, minha avó materna e eu mesma. Essa doença é desafiadora e muitas vezes tem um desfecho triste. Resolvi estudar maneiras de contribuir para que as pessoas consigam vencê-la”

FLAVIANA REIS, do Laboratório de Hemato-Oncologia Molecular do INCA

e 2 (NB1 e NB2) e, em breve, terão acesso ao NB3, em fase de construção. Equipamentos de alta tecnologia também podem ser encontrados nos laboratórios do Hospital do Câncer I e utilizados pelos pesquisadores do Programa de Pós-Graduação.

Nesse ambiente surgem os mais avançados estudos sobre câncer no Brasil, sempre direcionados à assistência dos pacientes oncológicos. “A pesquisa básica feita no INCA, desde que o Programa de Pós-Graduação surgiu, é direcionada para o nosso objetivo: entender o câncer e desenvolver mecanismos que possam melhorar a assistência ao paciente. É uma pesquisa com foco em resultados em médio prazo, ou seja, que após cinco ou dez anos de estudo possam transformar conhecimento em prática”, afirma Eliana Abdelhay. “Aqui no INCA, a cada ano, dois ou três novos exames inseridos na rotina dos pacientes são oriundos de pesquisa. São teses que, depois de

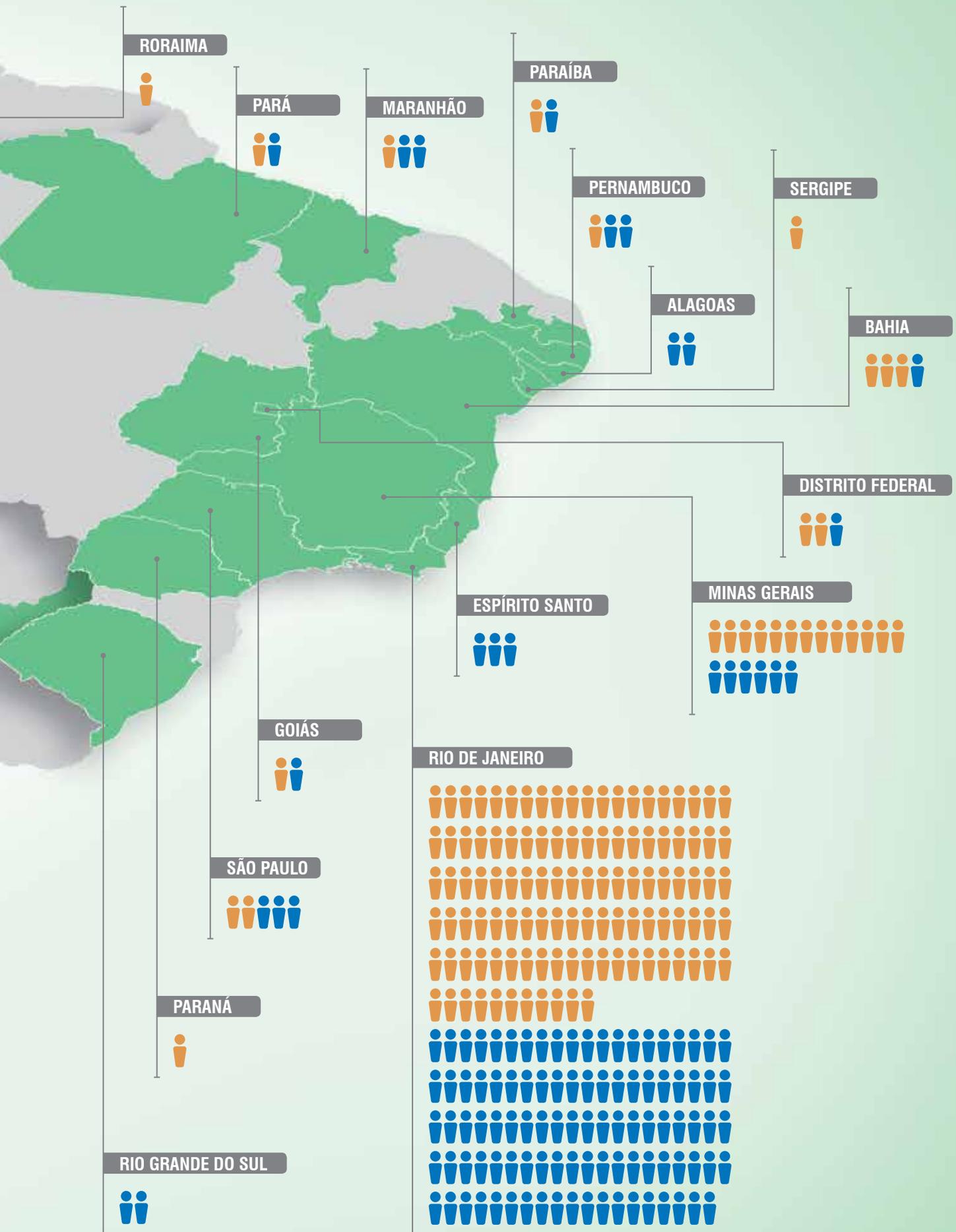
Alunos por estado brasileiro e país da América do Sul

	Mestrado	Doutorado
Brasil		
AL	-	2
BA	3	1
DF	2	1
ES	3	-
GO	1	1
MA	1	2
MG	13	6
PA	1	1
PB	1	1
PE	1	2
PR	1	-
RJ	111	99
RO	1	-
RS	-	2
SE	1	-
SP	2	3
Argentina	-	2
Venezuela	2	1

Dissertações e teses defendidas

	Mestrado	Doutorado
2007	9	-
2008	10	3
2009	9	4
2010	16	4
2011	13	10
2012	21	9
2013	16	13
Total	94	43







“Aprendi muito com os pesquisadores do Programa, que sempre estiveram abertos a esclarecimentos e debates. Além da formação científica, tive a oportunidade de aprender muito sobre inovação, motivação e ética”

BRUNO PIRES, biólogo e ex-aluno do Curso de Verão em Oncologia Experimental

desenvolvidas e cientificamente validadas, são aplicadas na clínica. Utilizamos o que há de mais novo em pesquisa no dia a dia dos pacientes”, completa.

Superando as expectativas de resultados em médio prazo, em apenas dois anos e meio, o estudo de Raquel da Hora Barbosa, pós-doutoranda do Programa, está em fase de conclusão e com perspectiva de emprego imediato. Sua pesquisa estabelece um painel com o perfil clínico e genético de pacientes que desenvolveram câncer de mama e indivíduos não afetados. Sua orientadora, a professora Raquel Ciualschi Maia, chefe do Laboratório de Hematologia Celular e Molecular do INCA, conta que o resultado da pesquisa gerou uma patente, e espera-se como benefício a eventual transformação da substância estudada em remédio.

Ex-aluno do Programa, André Luiz Mencialha, professor adjunto da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), ressalta que os conhecimentos adquiridos em seu pós-doutorado no INCA são utilizados diariamente. “Como professor, procuro ministrar as aulas da forma mais atualizada possível. E como pesquisador, o conhecimento adquirido é e tem sido fundamental nos questionamentos e métodos científicos no dia a dia da pesquisa”, afirma. Para o professor, a área do câncer é um grande desafio por diversos motivos. Além de aguçar seu lado investigativo científico, saber que resultados obtidos podem ser aplicados na melhora da qualidade de vida, no aumento da sobrevivência e, sobretudo, na cura dos pacientes é gratificante.

O desafio torna-se ainda maior quando o câncer faz parte da vida desses alunos. Fláviana Reis, atualmente no Laboratório de Hemato-Oncologia Molecular do INCA, teve como motivação principal para seus estudos uma relação íntima com a doença. “Pessoas muito próximas a mim tiveram câncer. Meu pai, minha avó materna e eu mesma. Essa doença é desafiadora e muitas vezes tem um desfecho triste. Resolvi estudar maneiras de contribuir para que as pessoas consigam vencê-la”, relata. Com mestrado e doutorado em Oncologia pelo Instituto, Fláviana comemora o tão almejado conceito 6. “O progresso desse projeto e, principalmente, minha evolução como pesquisadora têm como grandes contribuidores e incentivadores os docentes, bem como a estrutura da Pós-Graduação do INCA, que sempre primou pelo investimento no aluno como um pesquisador em potencial. Sinto-me honrada em ter feito parte desse trajeto de amadurecimento e crescimento desde 2005”, conta.

PROCESSO SELETIVO

O ingresso de novos alunos acontece uma vez por ano, com início das aulas em março. O processo seletivo começa em dezembro e valoriza a experiência acadêmica prévia do candidato. Somente alunos apresentados pelo orientador, devidamente credenciado no Programa, podem se inscrever. A partir daí, é feita a pré-inscrição do candidato, quando a documentação exigida é verificada e é avaliado se o projeto enquadra-se nas linhas de pesquisa do Programa. Para mais informações, os interessados devem acessar o endereço www.inca.gov.br. Nele, também encontrarão informações e os formulários necessários para se candidatar ao Programa de Bolsas em Formação em Pesquisa Oncológica. ■